

O INFERNO: A ETERNIDADE

A Catecismo da Igreja Católica afirma: Jesus fala muitas vezes da «gehena» do «fogo que não se apaga» (Cf. Mt 5, 22.29; 13, 42.50; Mc 9, 43-48.) reservada aos que recusam, até ao fim da vida, acreditar e converter-se, e na qual podem perder-se, ao mesmo tempo, a alma e o corpo (Cf. Mt 10, 28). Jesus anuncia, em termos muito severos, que «enviará os seus anjos que tirarão do seu Reino [...] todos os que praticaram a iniquidade, e hão-de lançá-los na fornalha ardente» (Mt 13, 41-42), e sobre eles pronunciará a sentença: «afastai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno» (Mt 25, 41). (CIC 1034)

«Como não sabemos o dia nem a hora, é preciso que, segundo a recomendação do Senhor, vigiemos continuamente, a fim de que, no termo da nossa vida terrena, que é só uma, mereçamos entrar com Ele para o banquete de núpcias e ser contados entre os benditos, e não sejamos lançados, como servos maus e preguiçosos, no fogo eterno, nas trevas exteriores, onde "haverá choro e ranger de dentes» (Lumen Gentium, 48).

Deus não predestina ninguém para o Inferno (Concílio de Trento, Sess. 6ª. *Decr: de iustificatione*, canon 17: DS 1567). Para ter semelhante destino, é preciso haver uma aversão voluntária a Deus (pecado mortal) e persistir nela até ao fim. (CIC 1037)

A Sagrada Escritura apresenta o inferno com o carácter da eternidade. A Carta de Judas fala de «correntes eternas» (1,6), referindo-se aos anjos rebeldes e «trevas eternas» (1,13), referindo-se aos indivíduos que seguiram caminhos perversos. Encontramos expressões falam da eternidade, no sentido estrito e sem possibilidade de dúvida, como por exemplo «*O fumo dos seus tormentos subirá pelos séculos dos séculos*» (Ap 14,11a), onde a palavra é duplicada e usada duas vezes no plural para fortalecer ainda mais o seu significado de eternidade.

Eternidade dos Inferno

A eternidade do Inferno é consequência do carácter radical da oposição dos danados contra Deus, uma escolha que podemos definir irrevogável, tola como a escolha dos anjos rebeldes: como não há possibilidade de arrependimento para os anjos rebeldes, assim como não há possibilidade de arrependimento para as almas dos homens após a morte. A danação eterna não é por falta de misericórdia da parte de Deus, isto é, por Deus ter recusado o perdão, mas por uma escolha livre e irrevogável das almas que «não aceitaram o amor da verdade para ser salvo» (2Ts 2,10).

A eternidade do inferno perturba muito a mente humana, mas não devemos ser superficiais e pensar que Deus inflija uma condenação eterna. A danação acontece não por falta de misericórdia da parte de Deus, mas sim, por uma

escolha pessoal, livre e determinada da alma que recusa Deus e, por isso, se autocondena. Trata-se de escolha que se estabiliza de forma imutável. Se durante a vida terrena era simplesmente uma escolha, depois da morte, torna-se um estado irreversível que acarreta a eternidade do inferno.

A eternidade do inferno está ligada à relação entre liberdade e graça: por um lado, a capacidade do homem de rejeitar consciente e responsabilmente os apelos da graça, uma escolha livre que, no momento da morte, torna-se rejeição eterna. Por outro lado, Deus, mesmo querendo que todos os homens se salvem, não pode obriga-los a aceitar a sua graça,

No contexto da mística de Santa Faustina Kowalska, o inferno «adquire» um justo equilíbrio entre o desejo de Deus, que «quer que todos os homens se salvem», e a liberdade humana, que pode chegar ao ponto de «selar» para sempre as suas escolhas de morte.

No nosso contexto histórico e social, a eternidade do inferno é um assunto extremamente difícil, uma pedra de tropeço: por um lado, como conciliar a misericórdia de Deus com a danação eterna e, por outro, como conciliar a liberdade humana, de criaturas limitadas, à qual não se reconhece a capacidade de uma decisão tão irreversível, absoluta e dramática. A questão do inferno, portanto, gera dois polos opostos: por um lado, é banido da catequese porque é uma verdade de fé muito «obscura», e por outro lado, é um assunto que arrisca ser tratado com superficialidade, sem o colocar no quadro da fé, da vontade salvadora de Deus e da redenção operada por Cristo Jesus (Kasper, Misericórdia, Queriniana, Brescia, p. 151)

A salvação do homem não é algo automático dado sem condições, mas um dom que deve ser acolhido com gratidão e «cultivado» ao longo da vida. O homem pelo livre arbítrio tem o poder de o recusar, colocando-se, com a morte, numa culpa irremissível e «serão castigados com a perdição eterna, longe da face do Senhor» (2Ts 1,10).

1036. As afirmações da Sagrada Escritura e os ensinamentos da Igreja a respeito do Inferno são um *apelo ao sentido de responsabilidade* com que o homem deve viver neste mundo, usando da sua liberdade, tendo em vista o destino eterno. Constituem, ao mesmo tempo, um *apelo urgente à conversão*: «*Entrai pela porta estreita, pois larga é a porta e espaçoso o caminho que levam à perdição e muitos são os que seguem por eles. Que estreita é a porta e apertado o caminho que levam à vida e como são poucos aqueles que os encontram!*» (Mt 7, 13-14):